

**A SAGA DO CAVALO INDOMADO:
UMA ANÁLISE DO ETHOS MACHISTA
NA OBRA BARROSIANA**

Martha Caroline Duarte de Brito (UENF)
marthacarolduarte@hotmail.com

RESUMO

O posicionamento machista refere-se a uma representação simbólica liderada pela figura masculina, a qual se impõe por meio de uma relação em que a mulher sempre é submissa e inferior ao mesmo. Esse estudo analisa, à luz de Pierre Bourdieu, os traços androcêntricos, ou melhor, o *ethos* machista – conceito defendido por Dominique Maingueneau –, na célebre obra *A Saga do Cavalo Indomado*, de autoria da escritora Maria Alice Barroso. O trabalho verifica conceituações de dominação do homem sobre a mulher, e também demonstra a influência do discurso e da enunciação na análise do texto e na construção dos personagens, especialmente a partir da incorporação da qual o leitor faz de seu fiador. Constatou-se que a dominação masculina assim como o *ethos* respectivo são evidentes em *A Saga do Cavalo Indomado*, apesar do *ethos* feminino representado pela protagonista da obra evidenciar atitudes que rebatem e insurgem as atitudes machistas presentes no enredo.

Palavras-chave: Dominação masculina. *Ethos* machista. *A Saga do Cavalo Indomado*.

1. Introdução

A mulher, nas últimas décadas, obteve grandes conquistas, seja no seu modo de vestir, no seu posicionamento e até mesmo na sua participação política. Por todos esses fatos que evidenciam a emancipação feminina, a mulher já deveria ser vista e reconhecida como figura constituinte e transformadora do seu meio. Contudo, uma sombra ainda a persegue e tenta amedrontá-la ao ascender ao seu não-progresso, a qual se pode identificar como machismo ou dominação masculina.

Essa postura machista e preconceituosa diante do despontamento feminino pode ser verificada desde os tempos passados e até mesmo nos dias atuais, servindo de objeto de estudo para algumas obras científicas. É o caso de autores como Drumont (1980), Gutman (2013) e o célebre Bourdieu (2002), cuja obra *A Dominação Masculina* servirá de base para este estudo.

Assim, a partir dessas considerações, esse trabalho tem como objeto de estudo a obra *A Saga do Cavalo Indomado*, de autoria de Maria Alice Barroso e que recebeu, em 1989, o consagrado Prêmio Jabuti. Esse

estudo será norteado pelo seguinte questionamento: “No romance *A Saga do Cavalo Indomado*, a partir da análise do *ethos* machista, existe uma dominação masculina na relação entre Chico das Lavras e sua filha Maria Olegária?”.

A fim de buscar as possíveis respostas, será verificado o *ethos* - a interpretação por meio da enunciação - termo, originalmente, analisado por Aristóteles. Tal conceito, nesse estudo, será interpretado a partir das considerações de Dominique Maingueneau, tendo como objetivo geral analisar a relação entre estes dois personagens do respectivo romance, bem como as enunciações dos demais personagens, de modo a comprovar uma das definições de dominação masculina colocadas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Verifica-se a importância de tal pesquisa por tratar de um tema tão atual, embora, como foi dito anteriormente, seja assunto recorrente para alguns pesquisadores. Além disso, analisar a obra de Maria Alice Barroso, através deste ângulo, é mergulhar numa trama que aponta questionamentos e, paradoxalmente, certezas a respeito desta relação entre homens e mulheres, de forma a enriquecer esta pesquisa literária (e por que não?) inserida num contexto social.

Como hipótese, acredita-se que a postura dominadora de Chico das Lavras revela-se, na verdade, uma subordinação ao meio, baseado no que o sociólogo francês Pierre Bourdieu revela em uma das suas definições sobre dominação masculina.

No desenvolvimento desta pesquisa, o estudo qualitativo está presente na metodologia, a qual engloba as pesquisas bibliográficas, as análises dos termos “dominação masculina” e “*ethos*” e um olhar específico no referido romance barrosiano.

2. A dominação masculina

Sabe-se que, há tempos, a mulher era criada, educada e direcionada para determinadas tarefas, como casar, ter filhos, cuidar do marido e do lar. Sua voz não tinha som, sua expressão deveria ser a mais fria e/ou indiferente possível. Qualquer manifestação do sexo feminino era considerada depravação, um insulto para a sociedade, uma ofensa aos “bons costumes”. Sandra Nascimento Sousa (2007), em sua pesquisa sobre os movimentos feministas nos anos 1970 a 1980, comprova tal afirmação:

Neste ideário, a mulher deveria permanecer virgem até o casamento, depois ficar na proteção do lar, dedicando sua vida à procriação e à educação dos filhos. Deveria enfim, manter-se afastada das atividades políticas e profissionais, pertencentes ao mundo do sexo masculino. (SOUSA, 2007, p. 129)

O homem era aquele sujeito provedor dos bens, o indivíduo que deveria trabalhar fora, colocar alimento dentro de casa e ser responsável pela família. A liberdade, a política e tudo, que de certa forma era proibido à mulher, era permitido ao sexo masculino. De alguma maneira, manter a mulher reclusa em seu lar, com os filhos, era uma estratégia de manter a estrutura familiar intacta e vigente. (SOUSA, 2007)

Ao se pensar sobre essa reclusão (no sentido, psicológico também) a que a mulher é submetida, lembra-se do machismo, prática e visão preconceituosa e muitas vezes, invisível, como o próprio Bourdieu (2010) menciona, uma violência velada a suas próprias vítimas.

Antes de adentrar na visão de Bourdieu, é necessário, sobretudo, definir o que é o machismo. De acordo com Drumont (1980, p.81), o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistificam as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher (...) mediado pela liderança masculina. Desta forma, pode-se associar machismo à dominação do masculino sobre o feminino.

É interessante observar que esta relação desproporcional não é apenas visível ao longo da história. O pensamento machista também é observável nas nossas casas ou nas escolas, quando ainda éramos crianças. A imposição daquilo que o menino pode e a menina não pode (fazer/ter/ser) é uma forma oculta de machismo (ou vice-versa). Não sejamos hipócritas, pois, de certo modo, somos “domesticados” a aceitar a exigência da sociedade; é o caminho natural das relações, visto que já é uma cultura determinada a isso, como Bourdieu menciona:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”) em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2010, p. 17)

Gutmann advoga que há vários sentidos para o termo machismo. Dentre eles, um que se destaca é o referente à questão física; neste caso, ao contrário do termo “violência não declarada” que Bourdieu menciona, ele cita o machismo como ideia relacionada a uma violência clara e reve-

lada:

gostaria de mencionar outro tema central e recorrente em muitos se não a maioria dos significados de machismo: o corpo físico. Este tema se manifesta como espancamentos, proezas sexuais, consumo de bebida alcoólica, travessuras temerárias e o problema nem tão simples assim de definir as categorias de “homem” e “mulher”. Por mais confusas que as identidades de gênero possam parecer, estas geralmente compartilham relações de dependência mútua com esses âmbitos somáticos. (GUTMANN, 2013, p. 72)

Em conformidade com este pensamento, alguns autores vinculam o machismo à sexualidade. Assim como a dominação masculina revela-se, claramente, no espaço familiar/doméstico, é na relação sexual que traços da mesma também são percebíveis: o homem deve ser dominador, submetendo a mulher ao seu poder. Enquanto o masculino é orientado a sujeitar, o feminino deve se rebaixar, se humilhar a qualquer ordem.

Gutmann (2013) conceitua esse mecanismo de dominação e de controle (não só no ato sexual) como estigma, uma das categorias utilizadas por ele para estudar o machismo e suas principais formas de segregação. Diante da virilidade imposta, a mulher torna-se oprimida, vulnerável e subordinada a esta visão androcêntrica (BOURDIEU, 2002), corroborando com Drumont:

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-domação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais etc.) produzindo duas línguas: uma masculina e uma feminina. (DRUMONT, 1980, p. 82)

Drumont (1980) ainda destaca que o machismo nada mais é que uma estrutura ideológica, uma ramificação das demais ideologias e instituições de controle. Para esclarecer, Fiorin explica o termo ideologia:

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia(...) é uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social. (FIORIN, 1993, p. 28 e 29)

O problema é que esta “classe social” nem sempre se enxerga machista. Não aceita nenhuma ação superior da mulher, porém não se nomeia dominadora e sim, uma classe mantenedora de uma ordem já esta-

belecida, na qual os mesmos são os protagonistas e as mulheres, as coadjuvantes (invisíveis), fato que as impede de assumirem seus papéis de construtoras de seus destinos. (DRUMONT, 1980)

3. Ethos machista em A Saga do Cavalo Indomado

A Saga do Cavalo Indomado (1991), de Maria Alice Barroso, é uma das obras que compõem o Ciclo Parada de Deus (nome fictício da cidade que serve como plano de fundo para as histórias relatadas). Completam a série mais 4 obras: *Um Nome para Matar* (1967), *Quem Matou Pacífico?* (1971), *O Globo da Morte* (1985) e *A Morte do Presidente ou Amiga de Mamãe* (1995).

Apesar de ser um dos últimos livros a ser publicado, *A Saga do Cavalo Indomado* antecede, na ordem dos acontecimentos do Ciclo, todas as outras, visto que conta a história da fundação da cidade a partir da família Moura Alves – nessa obra representada pelo personagem Chico das Lavras.

Chico das Lavras, personagem masculino central do enredo, é um ex-tropeiro que acredita que “Cristo Rei”, seu guia espiritual, foi o responsável por encaminhá-lo a Parada de Deus para que fundasse a cidade. Como forma de agradecimento, ele promete que suas filhas serão encaminhadas ao Convento e seu único filho será padre.

É a partir dessa promessa que surge o conflito da obra: uma de suas filhas, Maria Olegária (protagonista), posiciona-se contra qualquer tipo de submissão, enfrentando qualquer pessoa que seja contrária a suas ações, emoções e pensamentos.

Maria Olegária, decidida a não ser fruto e/ou prova do cumprimento da promessa do pai, decidi fugir com o domador de cavalos, o Honório, e o seu cavalo Negro, por isso o título do livro “*A Saga do Cavalo Indomado*”.

Além de ser envolvente e possuir uma trama que instiga o leitor, *A Saga do Cavalo Indomado* surpreende ao utilizar uma maneira criativa no modo de contar os fatos, através da alternância de narradores.

Ronaldo Menegaz, pesquisador da PUC-RJ, no prefácio da obra na edição de 2001, pela Expressão e Cultura, revela que:

Frequentemente a narração é substituída pelo emprego da técnica da apresentação dramatizada: a cena se fixa, o descritivo assume a função da ru-

brica teatral e se instala no diálogo. E ligando *A Saga do Cavalo Indomado* às outras histórias do mesmo ciclo anteriormente publicadas (...) ocorrem notícias prévias, apresentação de personagens, narrativas ulteriores de eventos registrados naquelas histórias. (BARROSO, 2001, p. 13)

Essa categoria narrativa em que, a cada momento, um personagem relata o seu ponto de vista é citado por Ligia Chiappini Moraes Leite (1985) em seu livro *O Foco Narrativo (ou A Polêmica em Torno da Ilusão)*, ao falar das tipologias de narrador estudadas por Norman Friedman (1967), dentre elas a nomeada *câmera* que possibilita aos personagens a exposição de seus respectivos ângulos a respeito de determinada questão e/ou problemática do enredo.

Ainda no prefácio, Menegaz diz que “a alternância dos discursos inclui às vezes o confronto entre o narrador onisciente e os personagens, instados a revelarem o que desejariam talvez calar ou esconder” (2001, p. 12). Esse emaranhado discursivo permite ao leitor uma participação na obra, visto que possibilita a transformação de seus posicionamentos diante de tantos “prismas” apresentados.

Partindo desse pressuposto, esse trabalho visa a analisar a enunciação, assim como o *ethos* presente nas falas dos personagens, já que várias vozes emanam no enredo, sobre os diversos fatos ocorridos, e principalmente, no que diz respeito, às atitudes de dominação de Chico das Lavras e da “rebelião” de sua filha Maria Olegária. A respeito das análises e /ou interpretações, Bakhtin (1997) diz que é a língua que proporciona esta variedade e multiplicidade de sentidos, tanto a oral quanto a escrita.

Toda fala/enunciação é carregada de particularidades de quem pronuncia, e muitas vezes, tal enunciação aponta um valor ideológico. Sobre essa colocação, Orlandi complementa: “Todo gesto de interpretação é caracterizado pela inscrição do sujeito (e de seu dizer) em uma posição ideológica, configurando uma região particular no interdiscurso, na memória do dizer”. (1996, p. 100)

Dessa forma, o discurso de Chico das Lavras é o aspecto principal a ser verificado, já que tal personagem transparece características de um homem dominador e machista. A partir desses traços característicos de Chico das Lavras e o modo como tais traços repercutem no discurso, Possenti afirma que:

O discurso é entendido como um tipo de sentido, uma posição, uma ideologia, que se materializa na língua, embora não mantenha uma relação biunívoca com recursos de expressão da língua. É pela exploração de certas caracte-

terísticas da língua que a discursividade se materializa. Ou seja, o discurso se constitui pelo trabalho com e sobre os recursos de expressão, que produzem determinados efeitos de sentido em correlação com posições e condições de produção específica. (POSSENTI, 2009, p. 16)

Desta maneira, a personalidade revelada na enunciação é chamada de *ethos*. Este termo vem da *Retórica* de Aristóteles e era utilizado como meio de convencimento do indivíduo, conforme Maingueneau aponta: “A prova pelo *ethos* consiste em causar uma boa impressão por meio do modo como se constrói o discurso, em dar de si uma imagem capaz de convencer o auditório ao ganhar sua confiança” (2009, p. 267). Entretanto, a noção de *ethos* já ultrapassou este aspecto persuasivo, inserindo-se no mundo das disciplinas discursivas e assumindo também um papel não só na oralidade, como em discursos escritos.

As características enunciadas nos textos constroem um fiador (a figura criada pelo leitor), porém não só os aspectos físicos, mas também os psicológicos. É o que Maingueneau (2006, p. 60) chama de *corporalidade* e *caráter*, respectivamente. Estes conceitos são inseparáveis e reúnem desde o modo de vestir, de se portar no meio social até os traços mais implícitos. A seguir, segue a fala do narrador onisciente, caracterizando Chico das Lavras:

Era um homem imenso (...) sua espessa barba negra parecia uma sombra ou projeção das grandes abas do chapéu de feltro negro (...) as enormes esporas de prata que apenas coçavam a barriga da grande mula de orelhas bambantes. (BARROSO, 2001, p.40)

Seu posicionamento e suas atitudes também são alvos do discurso de alguns personagens. O seguinte trecho demonstra o mandonismo de Chico das Lavras, também chamado de Chico das Bestas:

Ao falar com aquela voz grave que parece vir do meio do peito, sem passar pela garganta, ele como que deu um veredicto, pronunciou uma sentença, solucionando um problema que não estava na cabeça de ninguém senão na própria. (BARROSO, 2001, p. 33)

O próprio personagem, por meio de suas falas, apresenta-se com certo ar de superioridade, não só como homem, mas também figura paterna, especialmente ao se referir à Maria Olegária, como pode ser verificado em: “Aquela menina me saiu uma verdadeira raspa-do-tacho: nasceu desconhecendo como se deve respeitar pai...eu devo tudo, eu posso tudo. Eu sou o pai. E ninguém aqui tem o direito a dizer não pros meus resolvidos” (BARROSO, 2001, p. 36) e no seguinte discurso: “Aqui ninguém tem que me pedir conta de nada” (p. 145).

O autoritarismo de Chico das Lavras também se mostra presente com os escravos que trabalhavam na sua fazenda. Ao se referir aos castigos aos quais os escravos eram submetidos por ordem de Chico das Lavras, o narrador ironiza: “Chico das Lavras começava a distribuir justiça, como um deus consciente de sua grandeza, onipotência e infalibilidade” (2001, p. 127).

Contudo, explicitar as características do fundador de Parada de Deua não é suficiente para que o *ethos* fique claro. Maingueneau explica que para haver a *incorporação*, ou seja, a ação do *ethos* sobre o coenunciador, é preciso que a enunciação leve este a conferir a “personalidade” ao *fiador*, além de incorporar e assimilar um conjunto de esquemas que irão definir o sujeito. Assim, ele define a *incorporação* também como o objeto de um investimento pelo imaginário. (2011, p. 99)

Ao esclarecer tais noções, volta-se ao questionamento que deflagrou a pesquisa. É necessário olhar cuidadosamente para os discursos e tentar incorporá-los de modo a verificar o *ethos* machista do personagem Chico das Lavras.

Bourdieu (2010, p. 39) revela que a dominação masculina está coberta por uma violência simbólica, a qual envolve o sexo feminino num cerco invisível, enquanto os homens assumem os papéis centrais. Este tipo de violência fere e subordina a mulher tanto quanto a violência física; e no caso da obra aqui analisada, essa violência pode ser visualizada a partir da autoridade de Chico das Lavras, cujas decisões deveriam ser aceitas sem questionamentos, o que não acontecia por parte de sua filha Olegária:

Já passei horas e horas tentando conhecer esse homem, que é o autor dos meus dias (...)só consigo levantar um monte de incoerências na personalidade dele. Nós somos ensinados a aceitar a autoridade de um pai cegamente. Sem refletir. É como se fosse um deus. (BARROSO, 2001, p. 167)

Ainda é destacado por Bourdieu (2010) que a dominação masculina se encontra investida até mesmo nas posturas de homens e mulheres, ou seja, de como cada um deve se portar fisicamente - o homem deve sempre erguer-se, levantar-se; já o sexo feminino é submetido a curvar-se, abaixar-se: “A gente que somos filha mulher nunca sentamos do lado do pai: mas Zé Inácio sempre sentou, porque é filho homem”. (BARROSO, 2001, p. 31)

É importante ressaltar que Chico das Lavras, apesar de um homem devoto ao Cristo Rei, também tinha, além de sua esposa, várias

amantes, o que para sua filha era uma grande contradição. Como forma de se penitenciar pelos seus pecados, o ex-tropeiro arrastava pelas ruas de Parada de Deus uma cruz, deixando explícito para o povo a sua profunda devoção e respeito ao padroeiro da cidade, como forma de agregar a admiração da população: "(...) sempre que ele saía naquelas caminhadas de penitência era como se se despregasse deste mundo e passasse para um outro do qual ele próprio não tinha consciência do que fosse" (BARROSO, 2001, p. 85). Desse modo, percebe-se que Chico das Lavras procura manter sua credibilidade e autoridade diante do povo, apesar de suas evidentes falhas.

Além de buscar ser constantemente respeitado, ou melhor, obedecido pelos moradores de Parada de Deus, Chico das Lavras também demonstra em suas atitudes, representadas nas falas de muitos personagens da trama, um receio de que suas filhas possam sentir o prazer de uma relação entre um homem e uma mulher, como se o mesmo fosse ferido e desrespeitado como homem e pai, caso isso ocorresse:

A promessa que Chico das Lavras fizera ao Cristo Rei, mais do que o desejo de vê-las noivas do Senhor, correspondia a uma espécie de pavor que se apoderava dele quando imaginava que uma de suas filhas teria que submeter, na cama, se viesse a se casar (...) quando siá Dina, sua mulher, dera à luz a primeira menina, ao saber que se tratava de uma menina, ele não conseguiu afastar a ideia de que sua filha ia crescer e quando ficasse moça, como ocorresse com a mãe, ia ter que abrir as pernas para um homem que mal vira em sua vida e que teria que suportar, passivamente, que o membro do marido violasse suas intimidades quantas vezes quisesse, pois aquele era um privilégio masculino. (BARROSO, 2001, p. 98)

Nesse trecho, percebe-se o prazer sexual representado pela virilidade como algo recorrente e presente somente no homem, o que é um outro quesito importante para se manter a dominação masculina. Bourdieu garante que:

ser homem já implica um dever-ser (...) como a honra, a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de "verdadeiros homens". (2010, p. 65)

Ser reconhecido e respeitado como homem viril, poderoso e dominador é o que alinhava toda a visão machista.

Seu pensamento e comportamento evidenciam-se tão machistas que, em relação a sua esposa, por exemplo, Chico das Lavras apresenta sim uma sexualidade, porém é uma virilidade velada. Como se sua esposa não pudesse usufruir, tal como suas amantes, do que lhe era de direito

como mulher, conforme é mostrado em: “No seu casamento com siá Dina mantinha um respeito tão grande entre ele e a mulher que as relações sexuais entre os dois só eram realizadas através de uma colcha com um orifício no meio”. (2001, p. 63)

É importante ressaltar que, como foi mencionado, Maria Olegária fugiu para que não fosse obrigada a ser freira. No próprio texto, é dito que não se sabe ao certo se houve um encontro entre pai e filha antes da fuga desta, surgindo várias suposições por parte dos personagens. Todavia, o narrador nos oferece uma preciosa revelação: “Chico das Lavras sabia que a filha ia embora pois ela era mulher bastante para dizer a verdade para ele (...) Se Chico das Lavras não alcançou o casal foi porque não quis”. (2001, p. 280-281)

Isso demonstra que, na verdade, Chico das Lavras já imaginava, a partir do temperamento forte da filha, que Olegária fugiria, reconhecendo que esta “dispensava rédeas” (p. 51) e buscava, na sua liberdade, a “sensação de vida que palpitava nas suas mãos” (p. 41).

4. Considerações finais

Ao longo das análises feitas, fica evidente o temperamento e o posicionamento machistas do personagem Chico das Lavras. Seu poder e autoritarismo são frequentes não somente nas suas falas/seus discursos, mas também nas suas atitudes tanto em relação às mulheres quanto em relação à população, em geral, de Parada de Deus.

O *ethos* machista, ponto central dessa pesquisa, é comprovado em grande parte da obra, especialmente na relação entre o pai e a filha Olegária, personagem avessa às atitudes de sua representação paterna e – por que não dizer – paradoxalmente, com características similares ao pai, o que provoca neste, ao mesmo tempo, ira por ser enfrentado pela própria filha, mas também de conformidade de que o destino dela seria mesmo diferente das demais mulheres daquela cidade.

A dominação de Chico das Lavras era, concomitantemente, uma subordinação ao meio, como meio de se afirmar e de ser reconhecido como homem de poder e de respeito. O que ocorre também em relação à mulher: o medo de que a mulher desponte de alguma forma é tão avassalador, que a única forma de impedir é a dominação masculina, uma espécie de escudo do próprio personagem. Essa conclusão atesta o que Bourdieu afirma:

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (2010, p. 67)

Nesse sentido, os questionamentos aqui expostos parecem estar elucidados, a partir das enunciações aqui descritas. Isso não impede que futuras investigações sejam realizadas a fim de esclarecer outros discursos, contribuindo assim para uma discussão produtiva sobre a obra barroiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROSO, Maria Alice. *Um nome para matar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad.: Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, São Paulo, vol. 3, p. 81-85, 1980.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- GUTMANN, Matthew. O machismo. *Antropolítica*, Niterói, n. 34, p. 95-120, 1. sem. 2013.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou a polêmica em orno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad.: Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- _____. *Discurso literário*. Trad.: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ORLANDI, Em Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise do discurso*. São Paulo: Hackers, 1999.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola, 2009.